

The book cover features a light gray background with a subtle floral pattern of leaves and berries. Two vertical red stripes are positioned on the left and right sides. A central white rectangular area is framed by a double black border. The word "Poemas" is centered within this white area in a purple, italicized serif font.

*Poemas*

## *Sumário*

- *Século XVI: Quinhentismo*
- *Século XVII: Barroco*
- *Século XVIII: Arcadismo ou Neoclassicismo*
- *Primeira Metade do Século XIX: Romantismo*
- *Segunda Metade do Século XIX: Realismo / Naturalismo*
- *Fins do Século XIX: Parnasianismo e Simbolismo*
- *Primeiras décadas do Século XX: Pré-Modernismo*
- *1922 a 1930: Modernismo*
- *1930 a 1945: 2ª Fase do Modernismo ou Neorrealismo*
- *Depois de 1945*

*Jesus na manjedoura*

- *Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado?*

- *Jazo aqui por teu pecado.*

- *Ó menino mui formoso,  
Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?*

- *Por fazer-te glorioso  
E de graça mui colmado,  
Jazo aqui por teu pecado.*

- *Pois que não cabeis no céu,  
Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?*

- *O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.*

- *Ó menino de Belém,  
Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?*

- *Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado,  
Tal me fez o teu pecado.*

*Senhora Dona Bahia*

*Ninguém vê, ninguém fala,  
nem impugna, e é que,  
quem o dinheiro nos arranca,  
nos arranca as mãos,  
a língua, os olhos.  
"Esta mãe universal,  
esta célebre Bahia,  
que a seus peitos toma, e cria,  
os que enjeita Portugal"  
"Cansado de vos pregar  
cultíssimas profecias,  
quero das culteranias hoje o  
hábito enforcar: de que serve  
arrebentar por quem de  
mim não tem mágoa?  
verdades direi como água  
porque todos entendais,  
os ladinos e os boçais,  
a Musa praguejadora.  
Entendeis-me agora?"*

*Deixa que o olhar...*

Deixa que o olhar do mundo enfim devasse  
Teu grande amor que é teu maior segredo!

Que terias perdido, se, mais cedo,  
Todo o afeto que sentes, se mostrasse?

Basta de enganos!

Mostra-me sem medo

Aos homens, afrontando-os face a face:

Quero que os homens todos,  
quando eu passe, Invejosos,  
apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais!

Ando tão cheio Deste amor,  
que minh` alma se consome

De te exaltar aos olhos do universo.

Ouçõ em tudo teu nome,  
em tudo o leio:

E, fatigado de calar teu nome,  
Quase o revelo no final de um verso.

**Manuel Maria Barbosa**  
**du Bocage**

***Olha Marília***

*Olha Marília, as flautas dos pastores,  
Que bem que soam, como são cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se!  
Olha: não sentes  
Os Zéfiros\* brincar por entre as flores?  
Vê como ali, beijando-se, os  
Amores Incitam nossos ósculos ardentes!  
Ei-las de planta em planta as inocentes  
As vagas borboletas de mil cores!  
Naquele arbusto o rouxinol suspira;  
Ora nas folhas a abelhinha pára.  
Ora nos ares sussurrando, gira.  
Que alegre campo!  
Que manhã tão clara!  
Mas ah! Tudo o que vês,  
se eu não te vira, Mais tristeza  
que a morte me causara.*

## Carlos Drummond de Andrade

### As sem-razões do amor

Eu te amo porque te amo,  
Não precisas ser amante,  
e nem sempre sabes sê-lo.  
Eu te amo porque te amo.  
Amor é estado de graça e  
com amor não se paga.  
Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários e a  
regulamentos vários.  
Eu te amo porque não amo  
bastante ou demais a mim.  
Porque amor não se troca,  
não se conjuga nem se ama.  
Porque amor é amor a nada,  
feliz e forte em si mesmo.  
Amor é primo da morte,  
e da morte vencedor, por  
mais que o matem (e matam)  
a cada instante de amor.

**LÍNGUA PORTUGUESA**

*Última flor do Lácio,  
inculta e bela, És, a um tempo,  
esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...  
Amo-te assim, desconhecida e obscura.  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrolo da saudade e da ternura!  
Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,  
em que da voz materna ouvi: "meu filho!",  
E em que Camões chorou,  
no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

*Rimas*

*Ontem - quando, soberba, escarnecias  
Dessa minha paixão - louca - suprema  
E no teu lábio, essa rósea algema,  
A minha vida - gélida - prendias...  
Eu meditava em loucas utopias,  
Tentava resolver grave problema...  
Como engastar tua alma num poema?  
E eu não chorava quando tu te rias...  
Hoje, que vivo desse amor ansioso  
E és minha - és minha, extraordinária sorte,  
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!  
E tremo e choro - pressentindo  
- forte, Vibrar, dentro em meu peito, fervoroso,  
Esse excesso de vida - que é a morte...*

*A rua dos cataventos*

Da vez primeira em que me assassinaram,

Perdi um jeito de sorrir que eu tinha.

Depois, a cada vez que me mataram,

Foram levando qualquer coisa minha.

Hoje, dos meu cadáveres eu sou

O mais desnudo, o que não tem mais nada.

Arde um toco de Vela amarelada,

Como único bem que me ficou.

Vinde! Corvos, chacais, ladrões de estrada!

Pois dessa mão avaramente adunca

Não haverão de arracar a luz sagrada!

Aves da noite! Asas do horror! Voejai!

Que a luz trêmula e triste como um ai,

A luz de um morto não se apaga nunca!

## *Divisão da Literatura Brasileira*

- *A literatura brasileira é subdividida em duas grandes eras que acompanham a evolução política e econômica do País. A Era Colonial e a Era Nacional são separadas por um período de transição que corresponde à emancipação política do Brasil. As datas que delimitam fim e início de cada era são, na verdade, marcos onde acentua-se um período de ascensão e outro de decadência. As eras são divididas em escolas literárias, também chamadas de estilos de época.*